

# Bertrand Russell e o conceito de poder

Newton Carneiro Affonso da Costa

Em seu livro "Power" — A New Social Analysis", Bertrand Russell defende a tese de que a chave da compreensão dos acontecimentos sociais reside no conceito de Poder. Este conceito constitui, segundo o filósofo britânico, a idéia fundamental das ciências sociais, no mesmo sentido em que a Energia é a noção fundamental da física. O poder tem várias formas, como, por exemplo, a econômica e a militar, tôdas elas irredutíveis entre si e de igual importância para a correta interpretação da dinâmica social.

O homem diferencia-se dos outros animais em muitos aspectos de ordem intelectual e emocional. A diferença emocional mais pronunciada consiste, talvez, no fato dos desejos manifestados pelos animais possuírem características finitas e limitadas, ao contrário do que se dá com certos desejos humanos. Satisfeito nas suas necessidades primárias de sobrevivência e de reprodução, o animal se contenta e passa por um estado de inércia emocional, até a volta dos desejos primordiais, determinada por condições biológicas. Ao homem não sucede coisa semelhante, porque o desejo humano desconhece fronteiras rigorosas, é ilimitado, infinito. A esse respeito, afirma Russell: "Enquanto os animais se contentam, ao satisfazerem pequenas necessidades de existência e de reprodução, o homem, além disso, procura se engrandecer e suas esperanças só se acham limitadas pelo que a imaginação lhe afigura impossível, chegando alguns a ficar desapontados com tais impossibilidades. Diversas pessoas pertencem à categoria do Satam de Milton, e combinam, como êle, nobreza e impiedade. Por "impiedade", quero significar algo independente de crenças teológicas, ou seja, a relutância em se admitir as limitações do poder individual. A combinação "titânica" de nobreza e impiedade é mais visível nos grandes conquistadores, mas constatamos maior ou menor grau desta combinação em todos os seres humanos. Isso dificulta a cooperação social, pois desejaríamos que ela se vazasse nos moldes da cooperação entre Deus e seus adoradores, com nossas próprias pessoas no lugar de Deus. Daí a rivalidade, a imprescindibilidade de governo e o impulso para a rebelião, conduzindo à instabilidade e à violência periódicas".

Dentre as vontades infinitas do homem, destacam-se as de poder e de glória. A força propulsora das transformações sociais se resume no amor ao poder, ao poder glorioso, o qual está intimamente vinculado à natureza humana. Assim, encontramos o poder explícito nos caudilhos e implícito nos sequazes. As grandes reformas, provocadas por guerreiros, santos ou políticos, originam-se tôdas do amor profundo que certos indivíduos devotam a uma ou outra das modalidades de poder. E para confirmar suas concepções, o escritor inglês diz, textualmente, que Xerxes não carecia de alimen-

tos, de roupas ou de mulheres, quando empreendeu a expedição contra Atenas; Newton tinha, também, assegurado sua comodidade material, desde que se fez Companheiro da Trindade, embora publicasse, depois disso, os "Pricipia"; São Francisco de Assiz e Inácio de Loyola, também não precisavam criar suas Ordens religiosas para evitar privações. Sômente o amor ao poder e à glória explicaria, no fundo, realizações tão singulares.

Nosso autor aceita, portanto, que as leis da mecânica social unicamente podem ser estabelecidas em termos do poder em geral, encarado de um ponto de vista amplo, e não em termos desta ou daquela forma de poder. Em consequência, êle critica o "equivoco" dos economistas ortodoxos e, especialmente, de Marx, ao suporem que o motivo principal das mutações sociais é o interesse econômico. Esta maneira de ver não esclarece devidamente a evolução das sociedades. E a tentativa de se isolar o poder econômico, levou a erros teóricos grosseiros e a erros de índole prática, incapacitando a inúmeros políticos e economistas de preverem acontecimentos quase triviais.

As doutrinas russellianas lembram, de algum modo, a posição de Gabriel Tarde (1843-1904). O sociólogo francês, como sabemos, tentou assentar as disciplinas sociais sobre a teoria da imitação. A Imitação desempenha, na obra de Tarde, papel análogo ao do Poder, na de Russell; ambos acentuam o relêvo do fator psicológico no campo social. O tempo já tornou patentes os méritos e as faltas de Tarde. Pois bem: tudo o que se tem sustentado acêrca da orientação de Tarde, aplica-se, quase integralmente, ao ensaio de análise social de Bertrand Russell.

— x x x —